

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

Music Bands and Gender: A Search of the Active Participation of Northeastern Women

Marcos dos Santos Moreira
Universidade Federal de Alagoas
m.moreira73@ig.com.br

Resumo

O tema Música, Gênero e relações afetivas formam a razão deste paper. Tenta-se realizar uma discussão sobre questões de aprendizado musical em grupos filarmônicos nordestinos e suas relações afetivas. Discutem-se os papéis de homens e mulheres no tempo histórico em algumas vertentes: Relações de poder, a docência e a participação dos integrantes e seu perfil dentro de um contexto tradicional. Tal texto compõe parte da pesquisa de Doutorado em Música realizado pelo autor.

Palavras – chave: Gênero; Educação Musical; Banda de Música.

Abstract

The theme 'Music, Gender and relationships' is the main reason to this paper. We try to discuss some issues on music learning in Brazilian Northeastern philharmonic groups and their members' affective relationships. We discuss the roles of men and women in historical time, according to some aspects: relations of power, teaching and the participation of the members of those groups, and their profile within a traditional context.

Keywords: Gender; Music Education; Music Band.



Introdução

Várias áreas do conhecimento humano, como Educação, Psicologia e Sociologia, tratam sobre o tema da concepção afetividade, gênero, interações humanas, associadas às práticas no ensino escolar. Realizando um paralelo com a educação musical, especificamente na educação de grupos, seja coletivo ou de agremiações, dois pontos serão abordados nesta pesquisa, como investigação na analogia de ensino-aprendizagem: gênero e relações afetivas.

A questão masculina e a analogia docente como temática de pesquisa, se desenvolveu decorrente de anos anteriores de docência em filarmônicas. Fortaleceu-se pelo convívio deste pesquisador na interação profissional com diversas agremiações de euterpes, principalmente no estado de Sergipe, entre os anos de 2000 e 2006. Nestes anos, além de atuar como professor auxiliar nas classes de teoria musical, de um grupo de euterpe em Indiaroba, município sergipano onde lecionei por sete anos, estive em contato com centenas de discentes de diversas Bandas da região, onde a prática docente era exclusivamente masculina. Tais práticas, nestas agremiações, eram similares umas com as outras e a liderança dos grupos não se alternavam, sendo o mestre o principal 'detentor' do saber e o responsável pela escolha dos monitores, geralmente homens, mesmo em instrumentos com predominância de naipes femininos, a exemplo da clarineta. Outro critério da pesquisa é destacar euterpes com atuação ininterrupta desde a sua fundação, fato raro em muitas filarmônicas do país. São elas: Filarmônica Carlos Gomes, da cidade de Estância-Sergipe (1879); Sociedade Curica da cidade de Goiana - Pernambuco (1848); Lira Ceciliana, de Cachoeira-Bahia (1870) e, finalmente, Filarmônica Santa Cecília de Marechal Deodoro-Alagoas (1910).

Mas, por que esta predominância? De onde vem esta tradição? E as relações do afeto são as mesmas do feminino? Como se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem nestes grupos?

Estes e outros questionamentos culminaram sobre a ideia de investigar, mais uma vez, sobre filarmônicas nordestinas, citando alguns exemplos, pois como é impossível verificar todas as instituições, focamos exemplos centenários e sem interrupção de atividades para assim podermos examinar seus estatutos e atas, sendo, esse, meu 2º trabalho temático¹. O foco de pesquisa são Bandas nordestinas, pela própria cultura intrínseca no local, que por muito tempo, e ainda em muitas situações hoje, se cultua a simbologia machista nesta região brasileira. Outro critério da pesquisa é destacar euterpes com atuação ininterrupta desde a sua fundação, fato raro em muitas filarmônicas do país.

Através de um breve exame inicial em algumas filarmônicas do nordeste, evienciou-se que muitas delas, como associação civil, preservavam nos seus estatutos restrições de participações femininas, não só como musicistas, mas também quanto à contribuição de atividades no quadro docente ou administrativo. Em muitas delas os Estatutos e atas foram se modificando devido à evolução político-democrático da sociedade e a própria, dita, emancipação feminina.

Tais pontos serão abordados, ainda que, de forma especificamente introdutória, que propõe uma análise das razões que levaram a tradição docente masculina e a restrição de tal atuação feminina em euterpes centenárias, principalmente no que diz respeito à cultura nordestina interiorana no tempo histórico.

Problematização e Hipóteses

A Educação Musical, nestes últimos anos, vem alcançando conquistas no sistema educacional do país. A reintrodução da Música no ensino regular, o aumento de cursos de graduação e pós-graduação, além de centenas de projetos governamentais e não governamentais de cunho social, nos quais a música consiste em ferramenta básica para o desenvolvimento de tal educação, nos faz analisar e esmiuçar os contextos que são alterados através das décadas subsequentes.

Afirmamos que a própria história da música brasileira e da Educação no Brasil, no sentido da formação prática e docência, registraram os caminhos percorridos tanto na escola regular quanto em associações musicais de ensino não formal, a exemplo de Euterpes, como proposto no caminho da pesquisa, evidenciado abaixo:

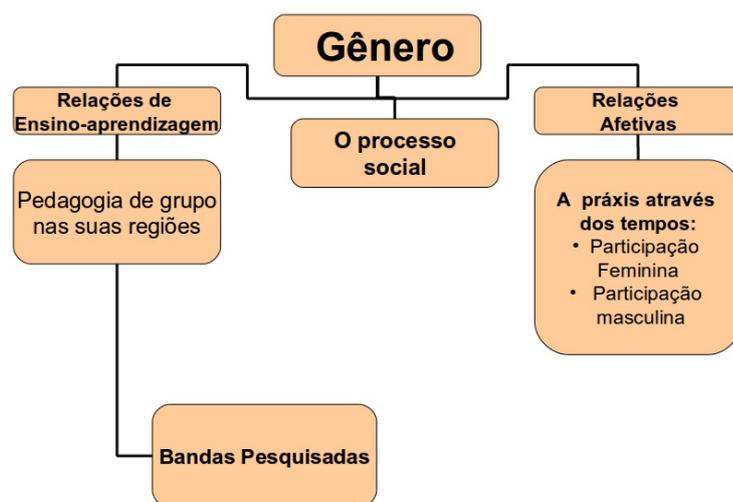


Figura 1

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

Abordamos as características de cada autor, relacionando-as ao ensino-aprendizagem, não só sobre o processo do gênero masculino neste foco, como também as relações afetivas e pedagógicas em questão, no que concerne ao ensino de bandas de música.

O Processo Metodológico

A metodologia de apoio, de formatação e guia proposto está direcionada ao método Survey, considerado quantitativo, mesclado à concepção de modelo qualitativo. O critério de escolha baseia-se na coleta com utilização de entrevistas de grupo e questionários semiestruturados. Como se trata de estudo de caso, o Survey auxilia no recorte do elemento específico pesquisado, ou seja, as seis bandas (no caráter qualitativo e descritivo) e nos dados estatísticos gerais (no caráter quantitativo).

É certo afirmar que o método Survey está relacionado à pesquisa quantitativa. Entretanto, este processo, definido aqui especificamente, se adequa à pesquisa qualitativa, em paralelo, quando se depara com elaboração de questionários-teste, guias de entrevistas ou descritivas, mescladas à oralidade, que são o caso deste trabalho.

Fundamentação Teórica: Gênero e Música

A fundamentação esta baseada no levantamento bibliográfico temático, enfatizando uma análise dos papéis de gênero feminino na sociedade, a partir das mudanças ocorridas nos estatutos e a abertura para as mulheres, não somente do lado social e artístico em questão, mas também pedagógico, nos grupos pesquisados. No tocante ao conceito de gênero, ele é pensando como:

(...) uma linguagem, uma forma de comunicação, uma forma de ordenar o mundo, que orienta a conduta das pessoas na maneira como elas vão se relacionar com as outras (...). É mais do que uma maneira como as pessoas se relacionam, é também um jeito de olhar e compreender a realidade (...). O gênero nos ajuda a compreender que essa maneira de organizar a sociedade – dividida em dois jeitos de ser: homem e mulher, masculinos e femininos (...)
(UNBEHAUM, 2005, p. 1).

Por outro caminho, Cemin afirma que

O conceito de gênero, apesar de sua

imprecisão teórica, diz respeito à construção cultural e simbólica das relações entre homens e mulheres. No Ocidente, desde os gregos e passando pelos iluministas, o valor máximo é a razão clara, objetiva, considerada atributo masculino, em confronto com a subjetividade obscura, identificada ao feminino. (CEMIN, 2001, s/p).

As relações do gênero feminino estão ligadas, política e sociologicamente, a movimentos antropológicos como o feminismo². Carneiro (1993), Branca e Pitanguy (1985), destacam a precisão ideológica do movimento pela necessidade da representação não só simbólica mas como fundamental para tal representação de identidade da mulher na sociedade:

Portanto, seja numa visão biológica, que define a mulher como inferior ao homem do ponto de vista da força física; seja numa visão religiosa que identifica a mulher como subproduto do homem, já que foi construída da costela de Adão, seja do ponto de vista cultural, que define um campo específico para a atividade feminina e o outro, privilegiado, para atividade masculina, todos estes argumentos, na maioria pseudocientíficos, presta-se a construir uma identidade negativa para mulher e assim, justificar os diversos níveis de subordinação e opressão a que as mulheres estão submetidas e a promover, nelas, a aceitação de um papel subordinado socialmente. (CARNEIRO, 1993, p. 9).

Para muitos sociólogos que trabalham com a categoria de gênero, o sistema patriarcal, associado aos caminhos estruturais históricos da sociedade, tanto do ponto de vista social propriamente dito, como econômico, ratifica a hegemonia do masculino, pois:

(...) feministas americanas que começaram a utilizar a palavra 'gênero' no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. O termo gênero indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual' e também sublinhava o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade e, conseqüentemente, de masculinidade. (SCOTT, 2004, p.153).³

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

Porém Scott, antropóloga norte-americana, em escritos sobre o tema (2004; 1995) desconstrói a ideologia do feminismo sob o ponto de vista histórico-teórico-antropológico, por alegar que há uma associação inequívoca do conceito gênero diretamente ligada ao tema feminista.

Minha definição de gênero tem duas partes e várias ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas: O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 2004, 154).⁴

Assim, a autora desmistifica, persiste e acredita que faltam subsídios históricos na definição de conceitos como raça, classe e gênero como termos convergentes sobre gênero, não sendo suficientes para a utilização do termo na questão de dualidade: o gênero feminino e o feminismo:

Entretanto, os historiadores feministas, que como a maioria dos historiadores são formados para ficar mais a vontade com descrição do que com a teoria, tentaram cada vez mais buscar formulações teóricas utilizáveis. Eles fizeram isso pelo menos por duas razões. Primeiro porque a proliferação de estudos de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes. Depois porque a defasagem dos trabalhos recentes da história das mulheres e seu estatuto parece marginal em relação ao conjunto de disciplinas (...) limites da abordagem descritivas que não questionam os conceitos dominantes da disciplinas ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los (SCOTT, 2004, 154).⁵

O fato é que o termo gênero se torna, a priori, muito complexo, amplo e sob vários aspectos - ideológicos, políticos, sociais e educativos - nos quais a literatura se entrelaça (Gênero-feminismo), por todo o século XX, principalmente. Freitas (2008), Carvalho (2008), Nienow e Cemin (2008) fazem referência aos estudos de Bourdieu (2000; 2010), respectivamente nas obras O poder simbólico e A Dominação Masculina,

nos quais, ressalta características analisando esta supremacia masculina como consequência de uma construção social dentro de instituições sociais, seja escola, instituições religiosas, associações de classe, uma dominação ou, como próprio Bourdieu denomina, violência simbólica. A mesma temática abordada pelo sociólogo francês, alerta sobre a necessidade de reflexão sobre tais relações de gênero, de poder e a análise político-econômica e cognitiva, que isto influencia na sociedade de forma geral:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento[...] do sentimento (...) (BOURDIEU, 2010,p. 7).

Assim, descaracteriza a natureza biológica numa elaboração de conjuntura sócio-cultural dos papéis. Bourdieu retrata esta visão simbólica, decisiva para o termo por ele abordado, divisão social do trabalho, produzindo tais papéis através das ações, da linguagem, dos símbolos, peremptório para impor funções masculinas e femininas na sociedade. Em Boff e Muraro (2002), esta concepção se estrutura na sociedade como um todo e abre a discussão, sobretudo baseada em alicerces do surgimento de tais instituições citadas, como exemplo a família, a igreja, a sociedades de classe, a história social humana:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. Relações essas que estão diretamente vinculadas aos preceitos religiosos, principalmente àqueles em que seus códigos foram se estruturando sob a ideia de um Deus masculino: Em consequência, todas as grandes religiões históricas que estruturaram no código patriarcal a sua experiência originária do Divino são reducionistas e nos transmitem uma tradução parcial. O mesmo aconteceu com as instituições religiosas. O imaginário, a linguagem, os símbolos, os ritos e os textos fundadores destas instituições trazem a marca da cultura masculina. (BOFF e MURARO, 2002, p. 86).

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

Em Saffioti (1979) o foco abordava sobre a discriminação sobre as mulheres ligadas ao conceito do patriarcado no Brasil:

O Patriarcado constitui-se num pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre homens, como a solidariedade existente entre eles, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres. (SAFFIOTI, 1979, p.35).

Para Dantas (1997), o tema gênero feminino ganhou destaque por causa dos movimentos feministas do século XX em detrimento de temas do masculino sobre determinadas profissões, principalmente na área de ensino sendo menos explorado nas pesquisas brasileiras:

Mapeando as produções acadêmicas impulsionadas por esses movimentos, observei lacunas importantes, reconhecidas pelos próprios autores, em relação ao universo masculino. A grande maioria dos estudos sobre gênero foi produzida por mulheres, sobre mulheres e para mulheres... O diálogo entre estes dois conjuntos de produções ainda é incipiente. (DANTAS, 1997, p. 12).

Exemplificando a temática de ascensão feminina na música, em seu artigo sobre administração e direção de mulheres em bandas americanas, Gould (2005) retrata que a educação musical nas ocupações os EUA foram segregados por gênero e raça durante décadas. Enquanto as mulheres são mais suscetíveis a ensinar os jovens estudantes em sala de aula, os homens são mais propensos a ensinar os alunos mais velhos, em todas as configurações:

Apesar de práticas de gênero afirmativas de emprego, os homens constituem a grande maioria entre os diretores da banda em todos os níveis. No nível pós-secundário em os EUA, as mulheres constituem menos de 10%. Em todos os casos e todos os níveis, a grande maioria dos diretores da banda são brancos. A segregação ocupacional inibe o desenvolvimento de carreiras dos indivíduos, bem como o desenvolvimento da profissão como os indivíduos escolhem ou são contratados para cargos com base em seu gênero e / ou raça, em vez de suas

habilidades. Em termos de diretoras de banda mulheres, as pesquisadoras investigaram as tendências do emprego, características pessoais e profissionais, modelos de trabalho e identidade profissional (GOULD, 2004, p.135).⁶

Gould enfatiza, claramente, que tal concepção feminina de liderança de grupos não pode ser adequadamente compreendida sem colocá-la no contexto profissional atual e existente. A autora sustenta que o entendimento mais rico, mais substancial e significativo das profissões em geral e de questões específicas abordadas, são necessárias, em especial, pois elas podem fornecer a base sobre a qual a mudança pode ser possível na contemporaneidade. São pontos que a mesma atenta e insere posicionamentos sobre o questionamento de mulheres em bandas, na profissão de educação musical, na relação de desempenho, na realização da profissão de músico, e no papel da musicista na sociedade em geral. Portanto, ao que aparenta e tal conjuntura apresenta, a profissão regente, na maioria das vezes, está condicionada, diretamente e de forma contemporânea, sobre as questões diferenciais de gênero, raça e habilidades profissionais em boa parte das instituições de ensino Superior de Música nos Estados Unidos.

Na Educação

Abrindo-se um parêntese na história de educação brasileira, relacionando às discussões de gênero no magistério, principalmente em classes escolares nas tenras idades, sempre foram pautadas ao trabalho docente feminino, principalmente no pós-guerra (1945) com a precisão feminina do trabalho do educar. Rabelo e Martins (2006), citando Almeida (1996), afirmam que esta forma social advém da formação e da profissão do magistério feminino no início do século XX, no Brasil, destinava-se a forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução. Assim, concluem os autores que, somente por esta possibilidade, as mulheres tiveram de ser educadas e instruídas. No mesmo trabalho as autoras comentam que em relação ao ensino que as mulheres tinham escassas opções no labor:

O magistério era o caminho possível para a maioria das mulheres brasileiras, principalmente para aquelas das camadas médias da população, pois, até os anos de 1930, era o único trabalho considerado digno para elas, e que podia ser atrelado às

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

tarefas domésticas. A sua instrução deveria ser “aproveitada” pelo marido e pelos filhos, portanto, teria que estar atrelada às atividades do lar. (RABELO e MARTINS, 2006, p.35).

Neste ponto é relevante citar que no Brasil até meados do século XX, pela constituição paternalista brasileira, o magistério era de responsabilidade masculina:

A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, isto é, à formação de professoras para os cursos primários. As mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução durante o século XIX. A tônica permanecia na agulha, não na caneta. A primeira escola foi criada em Niterói, no ano de 1835, seguida por outra na Bahia, em 1836 (...). Na primeira metade do século XIX, começaram a aparecer as primeiras instituições destinadas a educar as mulheres, embora em um quadro de ensino dual, com claras especializações de gênero. Ao sexo feminino cabia, em geral, a educação primária, com forte conteúdo moral e social, dirigido ao fortalecimento do papel da mulher. (BELTRÃO e ALVES, 2009, p. 2).

Independentemente da ideologia ou da concepção do gênero nos diálogos e debates conflitantes entre feministas e antropólogos sobre o termo, apenas temos como objetivo identificar o gênero feminino como uma concepção social e participativa na música e na comunidade circundante dos objetos pesquisados. Deve-se, por ser complexa, tanto quanto gênero e/ou feminismo que de maneira se distancia de forma relativa da Educação Musical ou performática musical. O objetivo direciona-se sim, a apontar o papel feminino em questão, na formação e participação, histórico-educativa das mesmas.

Em Joana de Holanda (2005), Mello (2007), Piedade e Schneider (2010), no Brasil, as pesquisas sobre gênero e música são ainda mais recentes, e escassas quando comparadas às americanas, principalmente no terreno da musicologia:

(...) as pesquisas relacionando gênero e música são recentes. Na década de 80, surgiram as primeiras antologias de partituras, CDs e biografias de compositoras, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra. No início dos anos 90,

autoras como Susan McClary (1991) e Marcia Citron (1993) suscitaram discussões sobre as metáforas de gênero presentes no código musical. (MELLO, 2007, p.69).

O gênero feminino, neste caso, é explanado, não só sob o ponto de vista de relação de poder do corpo propriamente dito, mas filosoficamente, sobre concepções analíticas da Teoria musical e da musicologia do século XX.

A Banda e o Mestre

Na Banda de Música, por muitos anos, esta relação escolar, no contexto de grupo/afetividade/gênero, de alguma forma se difere em alguns pontos relevantes e inusitados. Sendo a liderança da banda, na sua quase totalidade, caracterizada na figura masculina do mestre, desde a era colonial do país, uma analogia a figura paterna, o processo é um pouco mais rígido de tradição militar⁷.

Nas novas metodologias de ensino de grupos, também utilizado no ensino coletivo, o mestre se torna um mediador e o ensino é quase autossuficiente descentralizando a figura 'alicerce' do próprio e consequentemente tornando o tema afetividade e gênero um leque investigativo vasto. Nas filarmônicas, a priori, se contextualiza em ensino tradicional, devido às práticas de ensino conhecidas desde os séculos XVIII e XIX, principalmente da reminiscência de cognição passadas nos referidos períodos.

Portanto, tal cunho, essencialmente masculino como liderança de classe, é um ponto a ser registrado como direcionamento da pesquisa. Se o contexto afetivo já se é debatido em fases infantis com a figura da pedagogia na sociedade de aspectos femininos, no assunto banda de música de alguma maneira muda-se o foco para a hipotética do ensino inicial sob cátedra masculina.

Mulheres em Bandas Brasileiras e em Outros Grupos Instrumentais

Nas Filarmônicas por muitos anos a relação social das mesmas, a influência masculina é visível desde a sua criação ainda como Guildas⁸ até meados do século XX onde as mulheres não eram vistas nos seus quadros como musicistas. Em suas origens muitos textos nem abordam a presença feminina, apenas sobre o início dos grupos, como as guildas:

As guildas de músicos começaram a ploriferar durante o século XIV. São Galeno

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

na Suíça tinha uma Cidade Música em 1272; os arquivos de uma guilda londrina começaram em 1377 (...). Em século seguinte foram constituídas guildas municipais de músicos nas cidades que uma população necessitada de vigia e que pudesse pagar por música nas grandes ocasiões sociais da vida privada dos cidadãos. (RAYNOR, 1986, p. 72).

Na histórica brasileira, a conjuntura de formação de grupo de relações de afetividade, e destas concepções no gênero, de alguma forma se afirma em alguns pontos relevantes.

Assim como no Brasil, a participação das mulheres nas Bandas filarmônicas portuguesas é de similar predominância masculina. Pode destacar casos no país lusitano em centenas de grupo (proposta de pesquisa). Em Évora, cidade lusitana, observa-se na citação, na qual o gênero feminino compartilha as primeiras incursões relevantes somente na segunda metade do século XX:

A década de 70/80 foi outro período durante o qual se registraram grandes mudanças, não só em Portugal como em termos globais, que permitiram novas conquistas sociais e culturais que tiveram repercussões ao nível da sociedade e da sua sociabilidade. Foi, por exemplo, a partir deste período que as mulheres começaram a integrar as bandas filarmônicas. (RUSSO, 2007, p.40).

No Brasil, mas especificamente no nordeste, em Sergipe, no período anterior à referência acima, nas décadas de 1950/1960, podemos ver dois exemplos abordados por Silva e Andrade, os quais revelam em seus trabalhos o surgimento de bandas, exclusivamente femininas, no Estado. Este aspecto de inovação igualmente no meado do século XX:

(Banda de Música Feminina da Associação Maria Rosa Vieira de Melo-Rosário do Catete-Sergipe) (...) Fundada em 1959 pela presidente da Associação, a benemérita Sr^{ta} Maria Passos, conhecida como Dona. Inicialmente as moças eram previamente preparadas pelo regente Luiz Ferreira Gomes (...) As pessoas ficavam admiradas como era possível formar uma banda de música exclusivamente feminina. (SILVA, 2000, p.25).

Na década de 1960 (...) Na Escola Normal, (Leozírio Guimarães) fundou um coral e uma banda de música só de moças (...). O desfile da Escola Normal no Sete de Setembro tinha a marca da presença bonita das jovens instrumentistas que se esmeravam na interpretação de dobrados e canções brasileiras, tendo sempre à frente o seu maestro Leozírio Guimarães. (ANDRADE, 2010, p.38).

Outro exemplo nordestino e sergipano da entrada das mulheres ocorreu no município de Japaratuba a poucos quilômetros de Aracaju. Santos (2004) afirma que a centenária Lira Sociedade Filarmônica Japaratubense, fundada em 1900, só permitiu alguma interferência feminina nos idos anos de 1960:

Nos primeiros anos de existência da Banda as Mulheres não faziam parte dela [da Banda] como instrumentista. Acompanhantes e simpatizantes femininos eram muitos. Apenas admiradoras. Excepcionalmente na década de 1960 é que uma mulher tivera um contato mais direto com os músicos, ajudando diretamente à Banda. ...Mimosa Moura, que fez parte do coral da Euterpe-que se apresentava regularmente nas missas, foi a única mulher que mais se aproximou dos instrumentistas. Trinta anos (anos 90)⁹ se passaram até que, por iniciativa própria, as mulheres resolveram tornarem-se profissionais na área. Três mulheres compunham a Banda até o ano de 2001. (SANTOS, 2004, p. 27).

Além disso, em tempos recentes podemos enfatizar, já nas décadas de 1990/2000, professoras ou musicistas em geral, algumas com titulação de mestrado e doutorado, que atuam até os dias atuais como regentes de banda no Brasil.

Entre muitas delas, hoje, atuam em diversas cidades do país estão: Inez Beatriz Martins (Universidade Federal do Ceará), Alexsandra Marques de Oliveira Castro (Banda Municipal de Jaguaruana-Ceará), Maira Ana Kandler (Banda dos Tiroleses-Santa Catarina), Monica Giardini (Banda Sinfônica Jovem do estado de São Paulo), Ana Paula Camargo Rocha Bigelli (Banda da Guarda civil de Piracicaba), Irara Gomes (Intituto Federal do Piauí-PI), Maria Stella Neves Valle (Orquestra Ribeiro Bastos-São João Del Rei-MG), Aline Ananias (Orquestra Criança Cidadã de Recife-PE) e Marcia Braga (Orquestra de Violões do Conservatório de Tatuí). Profissionais de outros países

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

e outras nacionalidades se destacam exemplos como Elena Herrera (cubana que rege a Sinfônica de Londrina-Pr), Joana Carneiro (portuguesa regente da Filarmonica de Los Angeles), Idália Caeiro (Regente de Banda Filarmônica em Aveiro, Portugal) e Zenaida Romeu (Camerata Romeu-Cuba).

Sendo assim, as bandas que tinham um histórico exclusivamente masculino, hoje desponta para um universo mais feminino, apesar de ainda possuir consideravelmente domínio masculino na práxis instrumental e pedagógica. Ratifica-se assim uma mudança, mesmo branda, sobre a tradição do ensino musical em filarmônicas, que sempre tiveram, desde os primórdios de formação a figura do homem, e que vem modificando este panorama a cada década.

Conclusão

Por ser um assunto de poucas discussões, é de fundamental importância perceber o processo de mudança que gênero e relações afetivas estão intrínsecos na educação musical de grupos na atualidade. Mesmo nas filarmônicas, o perfil tende a mudar pelo fato do próprio contexto da emancipação feminina neste último século. Ainda com muitas barreiras o gênero feminino vem ocupando espaço de destaque e na música e nas tradicionais euterpes interioranas não é diferente. A relação do mestre e a relação afetiva masculina é outro ponto em transformação. Ainda há de se discutir tais papéis e suas diferenças, na práxis da formação musical, e, se isso causa alguma influência no processo de ensino-aprendizagem.

¹ A temática banda de música foi abordagem da dissertação de mestrado por Marcos Moreira denominado 'Aspectos históricos, sociais e pedagógicos nas filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição do Estado de Sergipe', defendida em 2007 no Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia sob orientação do Prof. Joel Barbosa.

² Feminismo: um termo que traduz todo um processo desenvolvido ao longo da História, e que continua a ser trabalhado diariamente, em todos os espaços da vida social. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias. Para entendê-lo, é preciso confrontar a situação da mulher na sociedade antiga, medieval e moderna, buscar suas raízes enquanto movimento

político e desvendar a ideologia que ainda hoje outorga direitos, deveres e comportamentos distintos para homens e mulheres. (BRANCA e PITANGUY, 1985, p.44).

³ It was the American feminists who began using the word "gender" in the literal sense, as a way to refer to the social organization of gender relations. The term gender indicated a rejection of biological determinism implicit in the use of terms like "sex" or "sexual difference" and also stressed the relational aspect of normative definitions of femininity and consequently of masculinity. (SCOTT, J. 2004, p.153).

⁴ My definition of gender has two parts and several linked, but should be analytically distinct: Gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sex, gender is a first way of signifying relationships of power.

⁵ However, feminist historians, who like most historians, are trained to be more comfortable with that description of the theory, tried to get more usable theoretical formulations. They did this at least for two reasons. First, because the proliferation of case studies in women's history seems to require a synthetic perspective that can explain the continuities and discontinuities and to account for the persistent inequalities, but also radically different social experiences. After a lag because of the recent history of women and their status appears marginal in relation to the set of courses ... limits of descriptive approach that does not question the dominant concepts of the disciplines or at least do not question them in order to undermine his power and perhaps transform them.

⁶ Despite gender-affirmative employment practices, men constitute a large majority among band directors at all levels. At the postsecondary level in the U.S., women constitute less than 10%. In all cases and all levels, the vast majority of band directors are white. Occupational segregation inhibits the development of individuals' careers as well as the development of the profession as individuals choose or are hired for positions based on their gender and/or race rather than their abilities. In terms of women university band directors, researchers have investigated employment trends, personal and occupational characteristics, occupational role models, and professional identity.

⁷ As Bandas de Música no Brasil tem tradição baseada nas bandas militares em sua formação, indumentárias e instrumentação, desde o período

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

colonial, ratificada no Império com a chegada de D. João VI em 1808.

⁸ Na Renascença, os grupos filarmônicos surgem como as guildas, que eram agremiações de artistas, geralmente funcionários públicos, vigias, que tocavam seus cromornes, sacabuxas ou sacabutes e charamelas, em vários eventos nas cidades onde "... tinham estruturas profissionais mais ou menos definidas com uma série de regulamentações estatutárias" (MASSIM, 1997, p. 71).

⁹ Grifo nosso.

Referências

- AMORIM, Alice Maria. **Patrimônios Vivos de Pernambuco**. FUNDARPE: Recife, 2010.
- ANDRADE, Maria. **Leozírio Guimarães: Uma Caminhada Musical**. Aracaju: SOFISE, 2010
- ALVES, José Eustáquio Diniz; CORREA, Sônia. **Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo**. In: Seminário Brasil, 15 anos, ABEP. Anais do Seminário Brasil, 15 anos, ABEP Campinas, 2009, p. 121 - 231
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125 – 156, 2009.
- BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRIGGS, Dorothy. **A auto-estima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRUM, Oscar da Silveira. **Conhecendo a Banda de Música**. Rio de Janeiro: Ricordi Brasileira, 1980.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a el Rey Dom Manue**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- CAMINHA, Pero Vaz. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. Arquivo público municipal de Santa Cruz de Cabralia. Santa Cruz de Cabralia-Bahia: APMSCC, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. Identidade Feminina. **Cadernos Geledés**, nº 4, p. 1 – 6, 1993.
- CEMIN, Arneide Bandeira. Gênero e imaginário: Bachelard e os poderes do andrógino. **Primeira Versão**, v. 1, n. 53, p. 2 – 7, 2001.
- CITRON, Marcia. Gender, professionalism and the musical canon. **Journal of musicology**, v. 8, n.1, p. 102 – 117, 1991.
- CUSICK, Suzanne. Gender, musicology and feminism. In: COOK, Nicholas; EVERIST, Mark (Orgs.) **Rethinking music**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 471- 498.
- DANTAS, Heloisa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves (et al.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992, p. 35 – 46.
- FREIRE, Vanda Lima Bellard. **Música e Sociedade**. Rio de Janeiro: ABEM, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- GOELLNER, Silvana. Gênero. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime (et al.). (Orgs.) **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 207 – 210.
- GOLDANI, Ana Maria. Família, Gênero e Políticas: famílias Brasileiras nos anos 90, e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.1, p. 29 – 48, 2002.

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

GREEN, Lucy. **Music, Gender and Education**. Londres: Cambridge press, 1997.

GROUT, Donald; PALISCA, Claude. **História de la música occidental**. Madrid: Editora Alianza. 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HANSLICK, Eduard. **Do belo musical**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

KATER, Carlos. Análise e Música Brasileira dos Séculos XVIII e XIX. **Cadernos de estudo e análise musical**, v. 6, p. 104 - 118, 1994.

KIEFER, Bruno. **História da música Brasileira**, dos primórdios ao início do séc. XX. 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

LYOTARD, Jean-Fançois. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LOURO, Guacira. Gênero, **Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes 1997.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MASSIN, Jean. **A história da musica ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MEDEIROS, João Bosco. **Manual de elaboração de referências bibliográficas: a nova NBR 6023:2000 da ABNT; exemplos e comentários**. São Paulo: Atlas, 2001.

MERRIAM, Allam O. **The anthropology of music**. USA: North-west University Press, 1964.

MAUS, Fred Everett. Masculine discourse in music theory. **Perspectives of New Music**, v. 31, n. 2, p. 264 - 293, 1993.

McCLARY, Susan. **Feminine endings: Music, gender, and sexuality**. Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1994.

MELLO, Janaina Cardoso (et al.). Discursos velados: memória e cotidianidade feminina. In: LEMOS, Maria

Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de. (Orgs.) **Memória, Identidade e Representações**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, p. 38 - 42.

MELLO, Maria Inêz. Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro. **Revista Eletronica de Musicologia**, v. 11, s/p [publicação eletrônica], 2007.

MOREIRA, Marcos dos Santos. **Aspectos Históricos, sociais e pedagógicos nas Filarmônicas do Divino e Nossa Senhora da Conceição, no Estado de Sergipe**. 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Música) – UFBA, Salvador.

MOREIRA, Branca; PITANGUY, Jaqueline. **O que é o feminismo**. São Paulo: Coleção Primeiros Passos - Ed. Brasiliense, 1985.

MUGGIATI, Roberto. **O que é Jazz**. São Paulo: Coleção primeiro passo - Brasiliense, 1999.

NASSIF, Sylvia. Musicalidade, desenvolvimento e educação: um olhar pela psicologia Vigotskiana. In: IV Simpósio de Cognição e Artes. Anais do IV Simpósio de Cognição e Artes, SIMCAM, São Paulo, 2008.

PEREIRA, José Antônio. **A Banda de Música; Retratos Sonoros Brasileiros**. São Paulo: UNESP, 1999.

PERRONE, Maria da Conceição C. **Instituto de Música: um século de tradição musical na Bahia**. Salvador: Edufba, 1997.

REIS, Dalmo da Trindade. **Bandas de Música Fanfarras e Bandas Marciais**. Rio de Janeiro: Eulenstein, 1962.

ROCHA, Gentil. **A Banda do Rosário. Série “Lá vem a Banda”**. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura - UFOP, 1985.

RAYNOR, Henry. **História social da música. Da Idade Média a Beethoven**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antônio Maria. **A Mulher no Magistério Brasileiro: um Histórico sobre a Feminização do Magistério**. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e

Bandas de Música e Gênero: Uma Busca da Ativa Participação da Mulher Nordestina

Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia, 2006, p. 6167 – 6176.

Brasília, 1994.

RAGO, Margarete. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

RUSSO, Sonia. **As Bandas Filarmônicas enquanto patrimonia: um estudo de caso no concelho de Evora**. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Instituto Superior do Trabalho e da Empresa, Portugal.

SAFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2004.

SANTIAGO, Mario. **Elementos para história da Sociedade Curica**. Goiana: [mimeografado], 1948.

SANTOS, Geane Correa dos. **A música instrumental de Japarutuba**. 2004. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.

SARKISSIAN, Margareth. Gender and Music. In: MYERS, Helen. (Ed.) **Ethnomusicology. An introduction**. London: McMillan Press, 2002, p. 111 - 130.

SEGATO, Rita. **La nación y sus otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa em tiempos de políticas de La identidad**. Buenos Aires: Prometeo libros, 2007.

SILVA, Maria L. Cruz. **Rosário do Catete Sergipe**. Sergipe: Prefeitura Municipal de Rosário do Catete, 2000.

SOUZA, Célia. **A afetividade na formação da auto-estima do aluno**. [No prelo]. Belém: 2002.

SCOTT, Joan. **Feminism and History**. New York: Oxford University Press, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, 1995, p. 1 - 35.

SCOTT, Joan. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1989.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Educar: Uma Profesion de Mujeres? La Feminización Del Normalismo y la Docencia Brasil y Argentina. Tese de Doutorado Conjunto em Estudos Comparativos sobre América Latina e Caribe. Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais e Universidade de Brasília:

**Recebido em 17 de junho de 2012.
Aceito em 24 de outubro de 2012.**